



UNILAB

Universidade da Integração Internacional
da Lusofonia Afro-Brasileira

**INSTITUTO DE HUMANIDADES
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES**

LUCAS LIMA DA SILVA

A MÚSICA COMO INSTRUMENTO DE PROPAGAÇÃO DO FEMINISMO

Acarape – CE

2019

LUCAS LIMA DA SILVA

A MÚSICA COMO INSTRUMENTO DE PROPAGAÇÃO DO FEMINISMO

Trabalho de conclusão de curso de Graduação apresentado ao instituto de Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como requisito básico para a conclusão do Curso de Bacharelado em Humanidades.

Acarape-CE

2019

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho primeiramente à Deusa, por estar presente em minha vida me dando força na caminhada.

Ao meu pai, Francisco Alves, “In Memoriam”.

À minha irmã, Luciana Lima, que sempre me apoiou. Ao meu primo, Eudes Barreto, que sempre me oferece apoio emocional e, principalmente, à minha mãe, Francimar, e minha tia Helena que não mediram esforços para que eu pudesse realizar todos os meus sonhos.

Dedico a todas minhas amigas, mulheres fortes e “donas de si”, que me inspiraram a fazer esse trabalho, em especial às minhas melhores amigas Pâmela Batista, Fabiana Cavalcante, Debora Demétrio, Mayara Silva, Eveline Maia, Maria Eduarda, Ticiane Estrela, Carla Gisele e, principalmente, à minha professora orientadora e, acima de tudo, amiga, Gislene Carvalho, que foi a minha âncora e me deu suporte durante essa minha vida acadêmica.

Resumo

Esse projeto tem como objetivo analisar a influência da música, utilizada como instrumento pedagógico, para a disseminação do feminismo. Como objetivos específicos, buscamos utilizar a música como meio de socialização, analisar a influência da música na construção identitária de cada ser, analisar a influência da música como ferramenta de aprendizagem, e utilizá-la como instrumento pedagógico para estabelecer uma formação conscientização entre os jovens. Para a construção da pesquisa foram realizadas entrevistas em um grupo focal, para obter os resultados a fim de alcançar os objetivos definidos. Baseamo-nos autoras negras, feministas, entre as quais Davis (2018), Ribeiro (2017), Silva (2016) e Lopes (1997). Como resultados, percebemos que a música facilitou a socialização entre os participantes, harmonizando e ajudando na coleta de dados, pois os mesmo não tiveram vergonha de expor os seus conhecimentos. Outra consideração é que a música possibilitou a conscientização dos integrantes, fazendo com que pudessem enxergar as barreiras e dificuldades impostas às mulheres, fazendo com que pudesse haver uma desconstrução dos pensamentos patriarcais que os jovens apresentavam.

Palavras-chave: Música; Feminismo; Identidade; Patriarcado.

Abstract

This project aims to use music as a channel of dispersion of the feminist movement, so that through its association a pedagogical tool is created to help students in their identity construction. As specific objectives: To use music as a means of socialization, to analyze the influence of music and to use it as a pedagogical instrument. To construct the research, a qualitative method was used based on Creswell, where interviews were applied in a focus group, to obtain the results in order to prove what the project was talking about, using also black authors, feminists, and in the field of music to refer project. Main authors: Davis (2018), Ribeiro (2017), Silva (2016) e Lopes (1997). Results: The music facilitated the socialization among the participants, harmonizing and helping in the data collection, since they were not ashamed to expose their knowledge. Another consideration is that music made the members' imaginations possible, allowing them to see the barriers and difficulties imposed on the women, so that there could be a deconstruction of the patriarchal thoughts that they presented.

Keymords: Music; Feminism; Identity; Patriarchy.

SUMÁRIO

1- Apresentação	6
2- PROBLEMATIZAÇÃO	7
3- JUSTIFICATIVA	9
4- OBJETIVO.....	122
4.1 Objetivo Geral.....	12
4.2 Objetivos Específicos.....	122
5- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	133
5.1 O feminismo abolicionista.....	155
5.2 A mulher, o mercado de trabalho e as delimitações impostas pelo patriarcado.....	16
5.3 A realidade das mulheres na música.....	18
5.4 O funk e o feminismo	19
6- METODOLOGIA.....	21
6.1 Tipo de pesquisa	21
6.2 Técnicas utilizadas.....	22
6.3 Local de realização da pesquisa.....	22
6.4 Descrição dos participantes.....	23
7- ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS PRELIMINARES.....	24
8- CONSIDERAÇÕES FINAIS	288
9- CRONOGRAMA.....	30
10 - REFERÊNCIAS	31

1 Apresentação

A música foi um fator de bastante relevância para o desenvolvimento do homem e para os diversos tipos de cultura nas quais cada indivíduo utilizou-se do som como motor linguístico para garantir a sua interação e sobrevivência em seus determinados grupos.

O homem e a música estão juntos desde o princípio, pois em suas diversas funções ela esteve presente em seu cotidiano, o remetendo a aprendizado e comunicação, como na Grécia onde Platão utilizou a música em muitos de seus textos para falar sobre ética, pois uma vez que implicasse a construção do ser e com a sociedade, esta seria de caráter pedagógico, pois estaria educando o ser tanto para si, como para viver na sociedade.

Tendo em vista que a música está presente na vida de qualquer criança, poderíamos considerá-la como um canal de dispersão para ensinamentos, de diversas áreas, como o feminismo, que uma vez incorporado no cotidiano infantil seria um ótimo meio para ensiná-los a respeitar as diferenças e diminuir a desigualdade entre os gêneros, pois é muito mais fácil ensinar uma criança a respeitar as diferenças do que desconstruí-las quando adultas, pois a linguagem musical é um excelente meio de expressão e formação de crianças, bebês e adultos.

2 PROBLEMATIZAÇÃO

O estudo tem como objetivo utilizar-se da música como uma ferramenta que auxilie as pessoas na sua construção identitária, transformando a mesma em um canal de propagação para o movimento feminista, evidenciando as dificuldades que as mulheres passam na carreira musical, realizando uma análise dos conhecimentos acerca do movimento social e do papel da mulher não só na música, mas na sociedade em geral, produzindo um debate sobre o devido tema no “CEARC” (centro de arte e cultura), localizada na rua Raimundo Bandeira, 158 - Pinheiro, Guaiuba - CE, 61890-000.

Considerando a grande desigualdade entre homens e mulheres no mercado de trabalho, é importante salientar que o gênero é tido como uma característica que delimita as mulheres em diversas áreas sociais. Segundo uma pesquisa divulgada no portal de notícias G1¹, na qual foram entrevistadas 300 profissionais para mostrar a diferença salarial e as dificuldades que enfrentam no decorrer da sua carreira profissional, pouco menos de 5% tiveram a possibilidade de assumir cargos de lideranças. E mesmo com todos os avanços tecnológicos e sociais, 87% das entrevistadas afirmam que em suas empresas não possuem programas de lideranças e desenvolvimento para mulheres.

Divergente a essas desvalorizações do binário feminino, podemos salientar que mesmo com o sucesso de algumas mulheres que conseguiram perfurar essa barreira patriarcal e conseguiram um pouco de destaque na história da mídia musical, ainda sim é possível encontrar grandes dificuldades e fatores que impossibilitam as mulheres de assumir o papel de grandes compositoras, como o fato da rapper americana Onika Tanya Maraj, conhecida artisticamente como Nicki Minaj que sofreu um boicote do “Dj Envy” que tentou obrigá-la a ter relações sexuais. Após a cantora negar, o dj se juntou com outros djs influentes para impedir que o novo álbum da artista não fosse tocado em nenhuma rádio, resultando com que as 12 primeiras horas de venda do seu

¹<http://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2016/03/falta-de-oportunidades-impedem-igualdade-de-genero-na-carreira.html> acessado em 10/02/19.

“CD’ não fosse contabilizadas pela Billboard², fazendo com que ela fosse ignorada por diversas premiações.

“Eu pensei que eu era o único que não estava tocando o som dela”, Confessou o dj Envy em entrevista³.

O fato de a cantora ter feito varias denúncias e não ter sido “levada à sério” mostra o quanto o machismo e o racismo está arraigado a esse indústria, direcionando a falsa ideia de que o “sucesso e a força” fossem particularidades masculinas, característica pertencente dos cromossomos XY. É importante frisar que para que as mulheres “possam atuar na indústria musical é necessário passar por um processo de branqueamento e fragilidade”, pois a mídia mantém padrões de divulgações, impondo regras aos corpos femininos, para que possam se encaixar nas exigências da *Billboard*, trazendo uma estética romântica aos clipes e “faixas”, e isso acontece principalmente com as cantoras que estão iniciando, fazendo-as passarem por um processo opressor de branqueamento para poderem ser divulgadas.

² Billboard é uma revista semanal estadunidense da Prometheus Global Media. Retirado de <https://g.co/kgs/9hQVg1>

³ <https://portalrapmais.com/dj-envy-finalmente-admite-estar-boicotando-nicki-minaj/>.

3 JUSTIFICATIVA

Segundo SILVA (2016, p.51), “Música deriva morfologicamente da palavra grega ‘Musiokê que quer dizer a arte das musas’. A música é a combinação artística dos sons, como arte é uma forma de produzir ou transmitir o que é belo. É uma forma de expressão que utiliza os sons como matéria prima, assim como a linguagem convencional utiliza palavras.”

Acredita-se que a música tenha surgido há mais ou menos uns 50.000 anos, a partir do continente africano e se dispersando por todas as partes do mundo, o que não deixa nenhuma dúvida que a música e o homem caminham juntos desde os primórdios, pois surgiu a necessidade de interação entre os indivíduos, fazendo com que o som fosse utilizado como motor linguístico para dispersar conhecimentos, culturas e aprendizados que garantiram a sobrevivência do ser humano.

Remetendo-nos a lembranças e aprendizado, a música tem o poder de influenciar as pessoas tanto de forma direta como indiretamente, pois através da nossa consciência ela mexe com as nossas emoções, fazendo com que através dos conhecimentos adquiridos na linguagem musical ela interfira na construção identitária de cada ser.

No decorrer dos anos, a música evoluiu de forma consideravelmente, pois desde a pré-história o homem utilizava-se dos sinais sonoros como gritos, batidas de pedras para se comunicar e se agrupar, facilitando a interação as relações interpessoais. Com o passar do tempo e a chegada da idade média, as pessoas começaram a desenvolver a música para usá-la como sinal de devoção e amor aos deuses, desenvolvendo técnicas para ajudá-los em suas orações, mas foi na Itália no século XIV que o período renascentista fez com que a igreja ficasse menos rígida facilitando e dividindo a música entre sacra e profana.

Através do romantismo foi dada liberdade para as pessoas expressarem os seus sentimentos, fazendo com que a música sofresse alterações sociais e políticas, mas foi apenas no século XX que a música passou a ser democrática e começou a relatar o cotidiano de uma maior número de pessoas e classes, a periferia começou a ganhar voz e expressar o seu dia-a-dia nas músicas

também tidas como marginalizadas (funk, rap, reggae), criando uma divisão visível no que se diz respeito à música de branco, pobre, rico e negro.

Originado através dessa ressignificação social da musica, as mulheres só começaram a ganhar um espaço e relatar as vivencias agora no século XXI.

E tendo em vista a evolução e importância social da música na vida das pessoas, podemos levantar que ela, desde o princípio, se mostrou uma ferramenta bastante importante na aprendizagem e no desenvolvimento humano, pois através de sua relação podemos utilizá-la como instrumento de aprendizagem para influenciar e educar as pessoas.

Considerando que a educação é um fator que influencia à vida social e o tratamento entre os indivíduos, surge a necessidade de educar para que as mesmas vivam em harmonia, permitindo-nos discutir e criar novas ferramentas que auxiliem nesse aprendizado. Propomos, então, que a musica seja utilizada como instrumento de conscientização entre os jovens, especialmente sobre a equidade entre os gêneros.

É possível notar o comportamento narcisista da sociedade quando estamos falando de gêneros. Com a figura do “Deus homem” somos obrigados a cultuar a figura masculina como a voz da razão, e sem hesitar temos que aceitar a imagem da mulher, como a “mulher protetora” a “mãe natureza” ou “aquilo que gera”, há aqui, sem nenhuma dúvida, uma divisão de imagens e apropriação que não foi sugerida, mas sim imposta ao longo da construção histórica. Era preciso, então, uma “reconstrução da história” para tirar do “falo” o direito de mandar, e reabrir um canal de diálogos.

A ideia de lugar de fala vai muito além de um pedido de espaço para dialogo, vai contra a biologia, já que a ciência vê o feminino como algo inferior, criando essa ideia “falocêntrica”, que vem desde Freud em seus estudos quando fala sobre “o desenvolvimento dos genitais” e o papel importante que órgão masculino tem, dando uma ideia narcisista que deixa a vulva de lado. A partir dessa ideia, percebe-se nas conversas tidas em sala de aula, ou até nos livros didáticos que os educandos são incentivados a acreditar que o clitóris não é nada além de uma atrofia do pênis, assim como os lábios que são partes da vagina e servem como algo para o prazer masculino. Nesses termos é bastante controverso o ato que algumas garotas permitam que outras pessoas

conheçam os seus corpos, mas não se permitam se tocar e conhecer o seu próprio corpo.

A respeito disso, é notável a opressão que o masculino “enraizou”, transformou a feminilidade em um objeto de prazer, ou em algo que fique em casa cuidando da família e dos filhos. Com a monopolização da família, foi criada uma “ordem na qual coloca o pai em primeiro lugar, a mãe em segundo, o filho em terceiro e por último a filha” deixando a menina submissa aos três, e ensinando-a que ela está aqui para servir, fazendo com que essa ideia patriarcal seja dispersada por mais gerações. Essa ideia é corroborada por Davis (2018) na citação abaixo:

Essa divisão do trabalho que indica todas essas contradições e se baseia, por sua vez, sobre a divisão natural do trabalho da família e sobre a separação da sociedade em famílias isoladas e postas umas às outras; essa divisão do trabalho implica ao mesmo tempo a repartição de trabalho e seus produtos, distribuição desigual, na verdade, tanto em qualidade como em quantidade: ela implica, portanto, a propriedade, cuja forma primeira, germe, está na família, na qual a mulher e os filhos são escravos do homem. A escravidão, certamente ainda muito rudimentar e latente na família, é a primeira propriedade que, aliás, já corresponde perfeitamente aqui a definição dos economistas modernos, segundo a qual ela se equivale a dispor livremente da força do trabalho dos outros (Davis, 2018, p. 20).

Portanto, é importante ressaltar que temos que criar maneiras mais lúdicas e atrativas para transmitir conhecimentos, pois é através da motivação que essas pessoas irão se sentir envolvidas no assunto.

Nesse sentido, é importante frisar que a música pode ser uma metodologia que facilitaria todo esse processo, pois através de sua relação com a vida das pessoas ela pode transmitir mensagens nas quais possam desconstruir e construir conceitos, podendo ser utilizada como ferramenta de dispersão e fortalecimento de movimentos sociais como o feminismo, empoderando as mulheres, melhorando a sua autoestima e, acima de tudo, ajudando a erradicar o preconceito, e facilitar a denúncia de abusos e violências sofridos no seu dia-a-dia. Com base no que foi exposto, delimitamos os objetivos da pesquisa:

4 OBJETIVOS

4.1 Objetivo geral

Analisar a influência da música, utilizada como instrumento pedagógico, para a disseminação do feminismo.

4.2 Objetivos específicos

- Utilizar a música como meio de socialização entre os jovens.
- Analisar a influência da música na formação identitária de cada ser.
- Analisar a utilização da música como ferramenta de aprendizagem.
- Relacionar a música como instrumento pedagógico para estabelecer uma formação de conscientização entre os jovens.

5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A linguagem musical tem um papel muito importante na vida das pessoas e da sociedade em geral, pois ela consegue mexer com os sentimentos de forma direta ou indireta. Através das melodias, o receptor consegue sentir e perceber o que o cantor quer passar através da sua canção. Alguns estudiosos afirmam que a música está presente em diversas situações do cotidiano, atuando de várias maneiras, mas se igualando no quesito sociocultural em transmitir informações.

De acordo com Renato (1998), citado por Freitas et all. (2015):

“A música está presente em diversas situações da vida humana. Existe música para adormecer, dançar, chorar os mortos e conchamar o povo a lutar, o que remonta a sua função ritualística. Presente na vida diária de alguns povos, ainda hoje é tocada e dançada por todos, seguindo costumes que respeitam as festividades e os momentos próprios de cada manifestação musical. Nesses contextos, as crianças entram em contato com a cultura musical desde muito cedo e assim começam a aprender suas tradições musicais.”(RENATO, 1998, P.47)

SILVA (2016) Afirmava que a linguagem sonora está ligada a um processo de aprendizagem, na qual através da sua conceituação da música podemos destacar a sua grande influência na vida das pessoas, atingindo o comportamento pessoal de forma positiva.

Hoje vemos que a música desperta a imaginação, permitindo viver a educação de maneira mais lúdica, além de tornar as pessoas em indivíduos melhores, alegres e otimistas. A música permite contextualizar a realidade, envolvendo e transformando as pessoas, tendo uma ligação com outras áreas do conhecimento, permitindo múltiplas abordagens interdisciplinares. Porém, mesmo com todos esses aspectos positivos, assim como em outras áreas do conhecimento a música sofre com a grande influência do patriarcado, pois ainda é dominada por homens, e as diversas mulheres que seguem a carreira vocal são silenciadas e deixadas de lado para que eles assumam esse lugar.

Segundo Louro, em seu livro “Gênero, sexualidade e educação” (1998), a mulher desde os princípios vem sendo oprimida e deixada de lado, e se o assunto é ciência a coisa piora, pois a sociedade insiste em mistificar que a elas não devem exercer um papel no campo científico, pois esse lugar é de direito ao binário “masculino”, evidenciando as diferenças e o machismo enraizado nos papéis e campos sociais.

É importante salientar que a nossa construção identitária é algo que também influencia muito na questão do masculino e do feminino, pois ela se dá desde o presente momento em que começamos a absorver as características que queremos para nós mesmos, ou seja, essa construção se dá da forma em que nós nos vemos na sociedade e de como a sociedade nos vê, e através dessa construção também ocorre uma desconstrução social, porque quando afirmamos que somos homens automaticamente nos deligamos das características femininas, fazendo com que mais uma vez as mulheres sejam marginalizadas através da ideia que feminino está direcionado à “fragilidade e delicadeza”. E quando essa construção acontece é direcionada uma grande força que tende a desestabilizar a identidade feminina.

E ainda em Louro (1997), podemos ver que as mulheres têm uma carreira limitada a disciplinas que não são tão reconhecidas, como história, letras e áreas afins que estão direcionadas à educação e que não se torna necessário o uso de atividades físicas. A autora em seu artigo bate de frente com esses pensamentos sexistas e nos mostra a real situação da mulher na sociedade, tentando desconstruir todas essas ideias arcaicas e pensamentos que tendem a limitar as mulheres em determinados campos e atividades que o machismo as delimitam a ficar. Faz-se necessário trazer um pouco da história do feminismo para que possamos compreender o movimento. Iniciamos discutindo acerca do feminismo abolicionista.

5.1 O feminismo abolicionista

Uma boa maneira de falar sobre o feminismo é conversando e relatando as histórias das mulheres que viveram na época da escravidão, em que elas sofreram uma grande exclusão capitalista e ao mesmo tempo receberam uma série de inclusões sexistas e patriarcais.

É importante frisar que após a abolição as mulheres negras, ainda eram mantidas “aprisionadas” nas grandes fazendas em troca de um “lugar para se viver”, pois com “sem pensada abolição” houve um grande desequilíbrio social, em que mesmo depois dos negros terem recebido as suas liberdades, o estado ainda os negavam os seus direitos iguais aos outros cidadãos, resultando em falta de emprego e socialização. Davis, em suas pesquisas e livros, aponta e analisa como essa negação de direitos após a escravidão influenciou nos dias atuais.

Por tanto, percebe-se que teria sido necessário pensar junto com a abolição uma forma de inserir essas pessoas na sociedade, sem as deixarem às margens. Se a abolição estivesse realmente acontecida no século 19, teria se tornado mais fácil para os movimentos sociais que lutam pela liberdade, pois não seria necessário tanta luta para adquirir direitos civis tão simples como o sufrágio que só foi dado às mulheres em aproximadamente 1932, mas o direito ao voto só foi estendido às mulheres negras há muito tempo depois.

Com tudo isso, quando vamos falar sobre “O que é ser uma mulher” não podemos deixar de dizer que tal termo passou muito tempo em construção, e até hoje é discutido quem se encaixa em tal denominação e quem “deveria ficar de fora”. Essas construções históricas são extremamente importantes para entendermos que o feminino passou por diversas lutas para adquirir direitos civis, classes e de raça. Então, ao falar sobre feminismo é importante citar que existe uma necessidade de diferenciar e visibilizar o feminismo negro, pois por muito tempo o feminismo permaneceu como um feminismo branco que excluiu e exclui as mulheres negras.

Nesse contexto, podemos problematizar que muitas vezes as mulheres negras e as mulheres trans são invisibilizadas pela sociedade e pelo movimento. É importante percebermos que a palavra “abolição” vai muito além da “abolição dos escravos”, mas sim na compreensão do “feminismo

abolicionista” que vai desde a busca da liberdade da mulher negra à luta e inserção da mulher na sociedade, libertando-as do padrão patriarcal que as dominam e denominam como mulher, fazendo com que uma exclua a outra com a ideia de que para ser mulher você necessariamente precisa ter uma vagina. Nesse sentido, gostaria de compartilhar um discurso feito por Dean Spade, lido no livro de Ângela Davis (2018). A luta pela liberdade:

Em meu entendimento, um esforço central de ativistas feministas, queer e trans tem sido dismantlar as ideologias culturais, as práticas sociais e as normas legais que dizem que certas partes do corpo determinam a identidade de gênero. Nós lutamos contra a ideia de que a presença de úteros, ovários, pênis ou testículos deve ser compreendida como determinante de aspectos pessoais, como inteligência, papel parental adequado, aparência física adequada, identidade de gênero adequada, papel profissional adequado, parcerias e atividades sexuais adequadas a capacidade de tomar decisões. Temos confrontado afirmações médicas e científicas que asseguram a suposta saúde dos papéis e atividades de gênero tradicionais que promovem a patologização dos corpos que desafiam essas normas. Continuamos a trabalhar para desfazer mitos de que as partes do corpo de algumas maneiras fazem de nós quem somos (nos tornam “piores” ou “melhores” do que outras pessoas, dependendo daquilo que temos). (Davis, 2018. P.97)

Considerando essa afirmação feita por Davis na qual ela cita a existência de uma corrente ideológica que limita os indivíduos através dos seus órgãos genitais, torna-se necessário uma discussão para que possamos enxergá-la com mais clareza. Então, para compreendermos esse desafio que limita apenas um único gênero, continuaremos o estudo com uma breve discussão sobre a mulher no mercado de trabalho.

5.2 A mulher, o mercado de trabalho e as delimitações impostas pelo patriarcado

Desde cedo, podemos perceber as imposições que a sociedade patriarcal impõe em nossas vidas, na qual muitas das vezes as violências de gênero começam antes do bebê nascer, como é o caso do exame de ultrassom que deveria ser utilizada na gestação para ver se a formação do feto estaria ocorrendo tudo bem, e com quanto tempo aquela gestação estaria seguindo. Mas a sociedade utilizou-se desse método para impor padrões de gênero, para

que quando o feto atingisse a 13^o semana pudesse ser descoberto o sexo, e daí em diante começaria uma serie de determinações para sexo feminino, como o as roupas do recém-nascido que seria de acordo com o gênero, e a escolha seria feita através das delimitações da sociedade, como o rosa atribuído à feminilidade e à delicadeza que hoje está associado à mulher, fazendo com que a criança desde cedo seja ensinada sobre os papeis sociais e como elas devem se comportar na sociedade.

Com o passar do tempo, essas imposições tendem a aumentar, seguindo uma escala de domesticação das mulheres nas quais são “violentadas” antes mesmo de nascer, assim afirma a pesquisadora Djamilia Ribeiro (2017), que explica divisão sexual que vem junto com a infância. Tirando como exemplo o comentário anterior que exemplifica os padrões recebidos no início da sua formação fetal até o seu último dia de vida, padrões esses que muitas vezes passam despercebidos que vem desde a escolha do brinquedo da criança que influencia diretamente na carreira profissional do adulto.

Ainda baseado em Ribeiro (2017), se pararmos para pensar, ao entrarmos em uma loja de recreação, logo se depararemos com o seguinte caso, os brinquedos direcionados ao público feminino são relacionados área de cuidados, sendo eles: Fogões, pias, vassouras, estetoscópio e até mesmo “bonecas bebês” que as preparam para a maternidade, logo então, não é de assustar quando vamos pesquisar a quantidade de garotas que seguem nas carreiras científicas, sejam elas nas áreas de engenharias ou de pesquisas, pois elas são delimitadas a ficarem em pequenos círculos do conhecimento com pouquíssimas profissões, sem grande reconhecimento e com pouca expectativa salarial, pois elas foram educadas a seguir carreira como professoras primárias, e no setor da saúde que é destinado aos cuidados da humanidade, como enfermagem, serviço social e etc. O que se torna bem contraditório porque não é que as mulheres não estejam preparadas para o mercado de trabalho, pois segundo a uma pesquisa feita pelo IBGE⁴, no ano de

⁴ Disponível em <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20287-no-dia-da-mulher-estatisticas-sobre-trabalho-mostram-desigualdade>>

2017, a proporção de mulheres que completaram graduação é 24,3% superior aos homens.

5.3 A realidade das mulheres na música

Muitas vezes, quando falamos das composições musicais, surgem várias críticas relacionadas ao machismo, pois em diversos ritmos e estilos musicais as mulheres passam por uma objetificação, são tidas como algo de posse ou até mesmo são inferiorizadas. Não é de se assustar que ao procurarmos por grandes influências no ramo a maioria dessas pessoas sejam “homens héteros brancos”, pois a indústria da música ainda é dominada pelo patriarcado, deixando a maior parte das mulheres de lado, e as poucas que conseguem chegar ao sucesso tem que passar por um processo de branqueamento “domesticação” para terem a possibilidade de serem aceitas pela mídia, pois o seu local dado pela sociedade é que fiquem apenas nas composições românticas, falando de afeto ou em busca de afetividade, porém sem falar abertamente sobre “sexo”, e se for para falar tem que ser em segundo plano ficando apenas afirmando e realizando os desejos sexuais dos cantores que elas dividem o palco.

As mulheres sempre estiveram presentes tanto na música quanto em qualquer outro local social ou de trabalho, mas quase sempre sem reconhecimento, pois quando vamos falar do papel das mulheres na sociedade é de assustar com os grandes índices de desigualdades, onde as mesmas tem uma jornada dupla entre o trabalho e os afazeres domésticos e ainda sim tem que dedicar uma grande parte do seu tempo a cuidar dos familiares ou amigos.

Segundo o IBGE 2007⁵, as mulheres trabalham quase o dobro de tempo do que os homens nos afazeres domésticos ou no cuidado pessoal, totalizando a quantia de 20,9 horas por semana chegando próximo ao dobro do que homens.

⁵ Disponível em <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20912-mulheres-continuam-a-cuidar-mais-de-pessoas-e-afazeres-domesticos-que-homens>>

Acessado em 10/02/19

5.4 O funk e o feminismo

Nascido nas favelas, o funk se torna a voz da periferia, trazendo as vivências e o cotidiano das pessoas inseridas naquela realidade. Assim como em diversos estilos musicais, o funk traz uma visão deturpada do feminino, onde desde a transição do funk dos anos 60 para o atual, a mulher vem sendo tratada como algo inferior ao homem, trazendo o machismo em suas melodias.

Através da perda do romantismo nas canções, o corpo feminino vem sido sexualizado e marginalizado através das poesias dos artistas, fazendo com que nas produções dos clipes as mulheres não passem de meros objetos nas mãos dos homens, aparecendo apenas para expor os seus corpos. Porém, através da visibilidade que o movimento feminista vem trazendo, as mulheres começaram a se empoderar e se apropriarem de seu espaço, dando início a um novo visual nos ritmos musicais, resultando em uma “onda” de mulheres empoderadas que trazem “sororidade” em seus “arranjos”, dando espaço para que possam trazer quaisquer mensagens em que desejarem, sejam elas de empoderamento, apoio entre elas, ou até mesmo para relatar os seus desejos sexuais. Assim, o feminismo vem desde sempre ensinando a todas que a mulher deve falar do que ela quiser, tirando-as do lugar de submissão e colocando-as como autoras de suas próprias histórias, desmistificando a falsa ideia de fragilidade enraizada.

Podemos tirar como exemplo a cantora Mc Carol que em uma de suas parcerias com a rapper Karol Conká fez uma composição chamada “100% feminista” onde juntas relatam agressões e em seguida levam esperanças de dias melhores através da sua representatividade e das mudanças que o movimento feminista trazem em suas vidas.

Presencie tudo isso dentro da minha família, mulher com olho roxo, espancada todo dia. Eu tinha 5 anos mas já entendia que mulher apanha se não fizer comida, mulher oprimida, sem voz, obediente, quando eu crescer, eu vou ser diferente. Eu cresci, prazer Carol “bandida” represento as mulheres 100% feministas.” (Mc Carol e Karol Conká, música⁶)

⁶ Disponível em <<https://www.letras.mus.br/mc-carol/100-feminista/>>

Essa união do funk e o feminismo mostra a importância de ter mulheres no cenário musical, especificamente no funk, que, em suas letras marginalizadas, são tratadas diversas mensagens políticas, que vai do lugar de fala ao direito das mulheres estarem onde elas quiserem, pois há um tempo não era permitida essa liberdade para que pudessem atuar como cantoras, quanto mais para exporem seus desejos. Atualmente, as mulheres que “produzem funk” trazem em suas letras uma abordagem empoderadora e politizada sobre os determinados assuntos: racismo, misoginia, liberdade sexual entre outros.

6 METODOLOGIA

6.1 Tipo de pesquisa

A partir da pesquisa qualitativa que utiliza métodos interativos e humanísticos, será buscada a participação ativa de um grupo de estudantes para discutir sobre feminismo, as relações patriarcais na sociedade, utilizando a música como argumento para a coleta de dados, que consiste em um levantamento com base em entrevista, que, por conseguinte, estará sujeito a uma interpretação por parte do pesquisador (CRESWELL, 2010).

A coleta de dados para análise foi realizada através de duas entrevistas semi-estruturadas, com uma pergunta norteadora que direcionou a coleta de dados sobre “O que você achou do conteúdo abordado na música? Esse conteúdo lhe influenciou de alguma forma?” Deixando os entrevistados livres para descrever as suas opiniões sobre os grupos musicais compostos pelas seguintes músicas. Primeiro grupo: “Prostituto” (Deize Tigrona ft. Jaloo), “Lalá” (Carol Conká), P.U.TA (Mulamba) “Caí de boca” (MC Rebeca) Segundo grupo: “Triste, Louca ou Má” (Francisco, el hombre), Todxs Putxs” (Ekena), “100% feminista” (Mc Carol e Carol Conká), “Mulamba” (Mulamba). É importante destacar que a resposta da pergunta norteadora foi de acordo com as experiências que o grupo de entrevistados teve com as músicas. Os relatos dos participantes abordaram as consequências da utilização da música como canal de dispersão do movimento feminista.

Nesse método de pesquisa, é possível descrever o contexto em que se dá o assunto, podendo mostrar como o machismo se manifesta nas pessoas, e quais os conhecimentos sobre a relação das mulheres com a música fazendo um retrato real dos acontecimentos que engloba as próprias motivações, emoções e preconceitos dos participantes (GRAY, 2012).

6.2 Técnicas utilizadas

A técnica de investigação se constituirá de um projeto piloto baseado em entrevistas com um grupo focal que se fundamenta na criação de um diálogo interativo entre os participantes e o pesquisador objetivando a coleta de dados para o estudo.

O pesquisador condicionará a entrevista com o grupo diretamente, permitindo controlar o tempo, intervir quando necessário e etc., Deste modo, as perguntas possuem caráter subjetivo, possibilitando uma maior absorção de visões e opiniões dos participantes acerca do estudo realizado (CRESWELL, 2010).

Usaremos também como técnica a amostra de conveniência, que consiste em selecionar uma parcela da população (universo) que serão representados por participantes acessíveis e que contribuam para o estudo.

Os relatos dos participantes do grupo focal serão arquivados mediante a áudio-gravação por um Smartphone (Motorola moto G5), que a princípio é assegurado pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), garantindo-lhes o anonimato dos participantes e que os dados obtidos serão utilizados apenas em meio acadêmico.

6.3 Local de realização da pesquisa

A pesquisa ocorrerá no centro de arte e cultura de rede pública “CEARC”, localizada na rua Raimundo Bandeira, 158 - Pinheiro, Guaiuba - CE, 61890-000. Esta escola possui ensino integral, fornecendo cursos técnicos em diversas áreas de atuação, sendo elas, coral, ballet, Jazz contemporâneo, violão, teclado, flauta, artes marciais e etc. que, por conseguinte, possuem até 3 turmas para curso ofertado. Por ser uma escola que funciona o dia todo e oferta a formação de futuros artistas, essa instituição conta para o processo de formação com os mesmos estudantes durante 2 ou mais anos cursados por eles, ou seja, esses jovens têm liberdade para passar quantos anos eles quiserem para aprimorar o seu talento, sendo inseridos nas salas de aula com o mesmo grupo inicial, permitido a sua saída e seu retorno.

Diante desta realidade, a pesquisa utilizará deste espaço para a realização de entrevistas com alguns alunos escolhidos dos principais módulos: 2º intermediário e 3º avançado dos seguintes cursos: coral, ballet, violão e flauta que estão voltados à área da música, isso para compor a amostra do público da pesquisa.

6.4 Descrição dos participantes

O grupo de participantes foi composto por estudantes dos 1º, 2º e 3º níveis do ensino cultural do Centro de Arte Cultura, situada no município de Guaiuba-CE. Os critérios de escolha dos participantes foram: serem alunos do segundo e terceiro nível, por estarem em período de formação secundarista; o fato de já estarem na escola há mais/menos tempo e a probabilidade de conhecerem melhor o ambiente; e por último, mas não menos importante, a disponibilidade para se voluntariar a participar do estudo.

Foram escolhidos dois estudantes das 12 turmas de 2º e 3º níveis, totalizando 24 alunos, distribuídos entre mulheres e homens de raças socialmente construídas (branca, negra e amarela), onde os mesmos se disponibilizaram a participar da pesquisa por livre e espontânea vontade, partindo de uma visão hegemônica. Foram feitas duas entrevistas, uma no primeiro momento após terem escutado as músicas e outra no reencontro do grupo, depois de termos estudado detalhadamente as mensagens políticas pertencentes nas composições. Com base nesses estudos, segue abaixo uma análise e discussão dos dados.

7 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS PRELIMINARES

Com base nas entrevistas, podemos ver que os resultados obtidos sofreram influência positiva, pois os entrevistados puderam se conhecer no decorrer dos encontros, o que resultou na melhor socialização entre eles, fazendo com que eles pudessem trocar conhecimentos e fossem estimulados a falar no decorrer das gravações.

Através da apresentação das músicas ao grupo focal, foi feita a seguinte pergunta: “O que você achou do conteúdo abordado na música? Ele lhe influenciou de alguma forma?” Nas respostas foi possível perceber os pensamentos patriarcais e sexistas que estão enraizados na sociedade, pois quando todos os membros entrevistados responderam a pergunta norteadora, foram obtidos comentários negativos por cerca de 76% dos homens e de 50% das mulheres. Seguem abaixo alguns trechos das entrevistas.

Entrevistador - O que você achou do conteúdo abordado na música, e esse conteúdo lhe influenciou de alguma forma?

Participante 1 - “De todas foi a que eu achei bem ridícula, é no caso como é que eu posso dizer? É no caso o homem que tá sendo tratado como objeto sexual. Digamos assim que ela só quer pegar o homem pra transar e fazer o que ela quer né? A impressão que eu tenho é que por ser uma mulher cantando, eu acho que é mais bem aceita por quem gosta desse estilo né? Porque se fosse um homem cantando talvez não fosse tão bem aceita. Então, eu acho que o gênero na questão da música, na letra de quem tá cantando influencia muito na recepção do público”.

Nessa fala podemos perceber o quanto uma mulher que canta músicas com conteúdos sexuais é banalizada e escandalizada, pois através das heranças patriarcais, as mesmas “não podem expor os seus desejos sexuais”. De fato, ocorre uma prevalência de opressão exercida pela classe dominante (homem) sobre a classe dominada (mulher) que em muitas situações, acontece uma violência de gênero em que o feminino se encontra tão dominado que o que vem dele é tido como algo errado, ou inferior. Efetivamente, essa coerção dos homens afeta as mulheres de tal maneira que elas se sentem desconfortáveis em falar ou escutar umas as outras falando sobre sexo, nesse

sentido essa repressão vem disfarçada de um “Eu estou com vergonha” ou “Eu não sou acostumada a falar sobre isso.

Participante 2 - “O grupo um eu fiquei meio assustada, eu, porque eu não tinha escutado músicas, essas, tão abertamente. Né? Deu vontade de rir porque eu fiquei assustada com a música”.

Diante disso, é importante frisar que existe uma grande necessidade de criar maneiras mais lúdicas e interativas para adquirir conhecimentos que batam de frente com essas ideias de submissão que reprimem as mulheres, criando uma luta de resistência que busque acima de tudo a igualdade. Após as primeiras pesquisas em que foram obtidas esses comentários negativos, deu-se início a um trabalho em que pudesse reduzir essa repressão, então, convidei essas mulheres e homens para participar, dando continuidade nesse grupo focal, no qual, dessa vez, continuaríamos trabalhando com as mesmas músicas, mas, também estudaríamos esses processos socioculturais, e o porque eles tinham esses pensamento, depois disso tudo seriam entrevistadas novamente após terem passado por esse processo.

Nos dois primeiros dias do reencontro do grupo de pesquisa, houve uma certa dificuldade com a taxa de evasão dos participantes, porém entrei em contato novamente com eles, e acertei uma data que ficaria melhor para todos. No quinto encontro, ainda houve receio com a canção “Prostituto” – Deize Tigrona, pois em sua composição é falado abertamente sobre sexo e desejos femininos, e tendo em vista que os pensamentos patriarcais se encontravam dominantes, ver uma mulher expondo seus desejos e falando de tal assunto se tornou um tabu que acabava assustando um grupo conservador de mulheres.

Depois de alguns encontros da segunda etapa realizada, foram obtidos resultados satisfatórios. Entre eles, evoluímos tanto na intimidade, que resultou em uma boa convivência, socialização e disciplina entre o grupo. E isso fez com que mais ninguém tivesse vergonha alguma ao expor a sua opinião, por consequência a entrevista se tornou gradativamente mais fácil, ajudando a detecção dos pensamentos machistas dos alunos.

Em resultado do grupo focal, foi atingido o que o projeto almejava: levar visibilidade para cantoras periféricas e usar “a música como canal de dispersão do feminismo”, com o intuito de diminuir o machismo e as relações patriarcais. Com a aplicação desse projeto de pesquisa, foi alcançada uma diminuição das

opiniões machistas. Diminuição essa que dos homens caiu de 76% para 20%, e das mulheres de 50% para apenas 05%. Além desses resultados acima do esperado, os próprios entrevistados conseguiram detectar nas letras das músicas “pedidos de socorro”, como o feminicídio que a música P.U.T.A – Mulamba aborda em sua letra.

Entrevistador - O que você achou do conteúdo abordado na música, e esse conteúdo lhe influenciou de alguma forma?

Participante 3 – “Amigo, as duas primeiras, pareciam, pareciam não! Tinham pra mim como tema central “o sexo” né? Mais precisamente o sexo oral. É... Só que na segunda música da Lalá da Carol Conká, acho que tinha um aspecto mais político. Né? No que diz respeito aos homens que falam muito mais quando chegam na “hora H” num fazem nada, então aí já tinha um aspecto mais político, né? De quando a mulher se põe no lugar dominante o homem se fragiliza, se embanana todo, tem um aspecto mais político. E a terceira música “puta” da Mulamba é falado de feminicídio. Eu não entendi muito bem se tinha ligação das primeiras músicas com essa, porque o tema central dessa é o feminicídio. E na letra ela consegue colocar a mulher no lugar do homem, é... que se mantém na posição do homem na sociedade, pra ver como se fosse ele que sofresse o machismo”.

Entrevistador - O que você achou do conteúdo abordado na música, e esse conteúdo lhe influenciou de alguma forma?

Partipante 4 - “Mana, eu adoro musica com tempo feminista, tipo nem que seja só putaria vindo de mulher. A gente já tem tanta, tanta putaria de objetificar o corpo de uma mulher por homens, que a gente puder sexualizar o nosso próprio corpo, tratar ele de uma maneira sexualizada ou não é uma coisa muito foda, muito foda mesmo. No grupo um pelo que eu percebi é uma forma mais sexualizada que a mulher se expressa, falando abertamente sobre sexo. Acho muito top a mulher ter esse lugar de fala hoje”.

Entrevistador - O que você achou do conteúdo abordado na música, e esse conteúdo lhe influenciou de alguma forma?

Participante 5 – “Do primeiro grupo, “Prostituto” eu acho uma revolução mesmo, porque escracha a frustração de várias mulheres com o sexo de

homens que prometem mil e uma coisas e na hora do vamo ver é uma verdadeira bosta. “Lalá” é irada, enfoca o sexo oral que é muito desvalorizado e sinto o mesmo de prostituto. “Cai de boca no meu bucetão” a mesma coisa, “Putas” também. Me identifico muito com elas”.

Participante 6 - “A respeito do primeiro grupo de, de músicas, fala muito a respeito a respeito do sexo, a respeito da liberdade sexual que as mulheres tiveram de um tempo pra cá, especialmente com o advento das redes sociais, que teria ido alias uma quarta onda do feminismo, é assim como tantas outras coisas como a respeito de assédio, O sexo para mulher não é mais um tabu, mulher não tem mais que ser bela recatada e do lar assim como não dever ser vista só como objeto sexual do homem e não possa ter algo satisfatório, resultando, “resultante do ato”. Não ser apenas parte insatisfatória de realizar tudo para o belo prazer do homem, pois a mulher também tem que sentir prazer pois também está participando do ato”.

Participante 7 – “Velho, eu gostei muito dessas músicas, sério eu gostei muito dessas músicas que a gente trabalhou. Essas músicas fazem a gente parar e pensar em coisas que (gaguejado) eu gostei muito de participar, obrigada”.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Algumas conclusões que obtivemos com essa pesquisa. A primeira delas é a comprovação do objetivo geral, em que, seria analisar como a música pode influenciar na construção identitária de cada ser, utilizando-a como veículo de dispersão do movimento feminista para auxiliar o educando em sua formação. Sendo assim, além de relacionar a música como instrumento de dispersão do feminismo, foi comprovado também a possibilidade de utilização como instrumento que auxilia os educandos em sua construção, obtendo resultados gratificante.

Falando ainda sobre a utilização da música como instrumento pedagógico, foi possível utilizá-la como estratégia de socialização entre os participantes da pesquisa, pois através do melhor convívio entre eles, foi possível obter uma construção conscientizadora em conjunto entre os jovens.

Através da linguagem sonora associada às mensagens políticas abordadas nas composições feitas pelas cantoras, os educandos puderam perceber as dificuldades e barreiras que as mulheres enfrentam em seu cotidiano, sejam elas em forma da injustiça social, salarial e assédios enfrentados, até os obstáculos e impedimentos que as compositoras enfrentam no ramo da música.

Outro ponto importante é que, através do projeto, houve uma grande diminuição do machismo reproduzido pelos participantes, pois no início das atividades eram notados comentários bem agressivos entre homens que estavam presentes, comentários tais como “É muito feio escutar mulheres falando sobre sexo ou palavrão”, pois as mulheres de verdades são delicadas e não devem fazer exposição dos seus corpos. Nessa afirmação feita pelo entrevistado, podemos ver com clareza a divisão entre a “mulher de verdade”, que serve para o casamento, e as que fazem exposição de seus corpos, porém no decorrer da utilização das músicas e estudo sobre as mensagens políticas abordadas, esses comentários foram neutralizados e quase eliminados.

A utilização da música nesse cenário pedagógico possibilitou a insatisfação das mulheres nas desigualdades de gênero que há um tempo passava despercebido, pois com as reivindicações feitas nas músicas as

participantes puderam perceber o impedimento que as mulheres têm no seu cotidiano.

A música trouxe muitas abordagens, outra não menos importante foi a liberdade sexual levada às participantes. No desenvolvimento da pesquisa foi percebido, com base nas conversas estabelecidas com as participantes, que elas não falavam de sexo não porque não queriam, mas sim porque foram ensinadas socialmente a ficarem desconfortáveis e a sentirem vergonha de expor seus desejos para manter a imagem da mulher “recatada” que a sociedade patriarcal impõe.

Em resumo, a construção dessa pesquisa foi além dos resultados esperados e, mesmo com uma quantidade limitada de encontros, o índice de machismo detectado na fala dos participantes, após a segunda fase do projeto, diminuiu consideravelmente. Esperamos, assim, que a conscientização proposta pela atividade em questão apresente reflexos no comportamento dos participantes perante a sociedade.

9 CRONOGRAMA

Etapas	Jul-Ago	Set-Out	Nov-Dez	Jan-Fev	Mar-Abr
Levantamento bibliográfico	x				
Fichamento dos textos	x				
Coleta de fontes	x				
Análise de fontes	x				
Apliação das músicas		x	x		
Primeira entrevista			x		
Análises dos dados			x	x	
Segunda etapa de aplicação				x	x
Segunda entrevista					x
Transcrição das entrevistas					x
Finalização do projeto					x
Correção do projeto					x
Apresentação/Defesa					x
Entrega do projeto escrito					x

10 REFERÊNCIAS

CRESWELL, J. W. W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

DAVIS, Ângela. A liberdade é uma luta constante. 1.ed. – São Paulo: Boitempo, 2018.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? Belo Horizonte - MG: Copyright © Letramento, 2017.

SILVA, Maria Liztaylor da. A música como processo de aprendizagem. Cidade: editora, 2016.